

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 129

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

AOS SALTEADORES DA MINHA TERRA (CONCLUSÃO)

Mandou-nos dizer o sr. Jayme de Magalhães Lima, pelo seu cavallariço:

«Nunca quizemos ferir a honra de seu pae nem da sua familia.»
E mais nada, n'esse ponto. Está bem. Acabou-se a questão. Quiz. E' um ignobil covardão. Mas d'essas covardias estamos nós farto até aos olhos.
Quiz, ou a logica não é logica. Quiz, porque disse:

«Tambem não iremos fallar de coisas passadas que possam melindrar os seus sentimentos de familia. Pelo menos, é esta a nossa disposição, crendo que não haverá necessidade de reconsiderar.»

Este ultimo periodo é clarissimo. Nem precisa comentarios. Era uma ameaça em fórma. Traduzido á letra queria dizer: «Se o senhor se fizer fino, eu reconsidero e falo.»

Tanto mais quanto era certo o garoto vil ser incitado, n'um centro dos francaceos, a commetter a infamia. Assim m'o dizia pessoa de familia.

Não havia duvidas. E, d'ahi, a minha legitima irritação e a minha profunda indignação.

O garoto diz que lhe dei importancia porque me mostrei indignado; porque escrevi um longo artigo e porque o assignei com o meu nome. Não se afflija. Eu só lhe dei a importancia que se dá a um bandido quando elle se prepara para nos matar o pae ou para nos roubar um filho. Mais nada. Se quer essa honre-se n'ella, que a leve.

Lealmente, dignamente, apontei-lhe um revolver á cabeça, não como um assassino mas como um homem de bem. E tomei o compromisso solemnemente de disparar. Foi excesso de escrupulos da minha parte. Mas d'esses escrupulos sempre eu tive. Eu estava desobrigado de o prevenir para a defeza. Preveni-lo, era arriscarme. Eu podia estoirar-lhe a salvo a caveira. Mas ficava sem a grandeza que me era indispensavel. E eu sempre puz, e hei de pôr, os perigos abaixo da honra e da dignidade.

Um salteador sem nobreza, um canalhario, um biltre, o ultimo dos pulhas, porque entre os proprios salteadores ha hierarchias e nobrezas, ergue mãos sacrilegas sobre meu pae. Agachar-me, era ignobil. Deixar consummar a infamia, esperar depois, silenciosamente, o bandido a uma esquina e fazer-lhe saltar os miolos, era justo, mas pouco correcto. O meu dever era prevenir a infamia, se tinha tempo de a prevenir. A minha honra obrigava-me, mesmo que se tratasse d'um bandido, a correr adeante do perigo para dizer ao pulha: detenha-se, ou mato-o.

Foi o que fiz.
Endignei-me, porque nada de isso se faz sem indignações. Excitei-me, porque nenhum homem de bem, sem excitação, vê tocar n'aquillo que tem de mais sagrado, de mais caro, e de mais sagrado e de mais caro não por uma

das muitas convenções estupidas que fazem regra na sociedade e a que os mediocres se curvam, escravizados, mas por uma espontaneidade do coração, por um sentimento innato de amor e de virtude.

Fale-lhe no pae, fale-lhe no pae, diziam esses biltres que se reunem debaixo dos Arcos e que obedecem ás ordens de Jayme de Magalhães Lima.

Assim m'o dizia pessoa da minha maior intimidade e confiança. Para isso se preparava o sujo cavallariço, admittindo a possibilidade de reconsiderar e deixando-me debaixo da ameaça da reconsideração.

Não o fez, ninguém mais o fará. Mas o primeiro que o fizer, se o fizer, defende-se de mim a tiro de revolver. O dicto, dicto. Assignei e assigno. E perante a honra, e a lei que regula a propria collectividade a que pertencço, fico responsavel pelo cumprimento da promessa.

Explique a insinuação, disse-lhe. Troque-a a miudos. Repillo a pontapé a sua torpissima ameaça. Fale, porque se vier a calarse é o ultimo dos covardes; calarse por medo e não por reconsiderações de pudor ou por um assomo repentino de vergonha.

Calou-se. E' o mais ordinario e pulha dos bandidos. E' um safadissimo bilhostre, um garoto ordinarissimo, um canalhario, que não attingiu, nas provas as honras de canalha.

Fique-se com isto e acabou-se. E, posto tal, já posso falar sem excitação e sem irritação.

Vamos a isso e terminamos. Alegremente direi: o que se vem passando commigo em Aveiro, ha largos tempos, é humano.

Um dia, um d'elles quiz ser deputado. Não o conseguiu. Sentiu-se humilhado, por esse simples facto. Votou manifesto, para esconder a humilhação. E declarava no manifesto que fóra elle que não quizera ser deputado; que fóra elle que instara junto dos seus amigos para porem de parte a sua candidatura.

Eu só lhe disse isto: «Mas quem é você para tanta coisa?»

Mais nada. Eram outras as palavras. Mas a synthese eloquente era essa. Quem é você para tanta coisa?

Se elle fosse alguma coisa, encolhia os hombros e voltava-me as costas. Mas como, realmente, não era nada, o homem apavorou-se. Olhou para dentro, para a consciencia, olhou para fóra, e viu todo o ridiculo da sua posição. Como um afogado, na aueia de se salvar do abysmo do ridiculo, lançou mão do primeiro expediente, agarrou-se a um pretexto, bom ou mau, proprio ou improprio, gritou que lhe tinham offendido o seu caracter. Gritou como um homem, diga-se a verdade. Gritou de rijo, com sobrançeria e valentia. Ameaçou-me com um chicote.

Foi no Districto de Aveiro de 4 de Julho de 1884. Vale a pena ler esse periodico e o Povo de Aveiro d'essa epocha.

Ninguém lhe tinha offendido o caracter. Tinha-se-lhe offendido mas era a petulancia. Tinha-se-lhe posto a lunge, sómente, o valor da intelligencia. Tinha-se-lhe abaido, apenas, a prosapia. Mas eis o attentado. Um insignificante perdôa que lhe offendam

o caracter, mas não perdôa isso.

Eu tinha menos 18 annos do que hoje. Se fosse hoje, dava-lhe uma trépa na imprensa e ficava-me por ahi. Mas como tinha menos 18 annos, ainda o Districto não circulava ha uma hora na cidade e já o meu heroe lia uma carta em que eu lhe dizia:

«Traga lá esse chicote, que eu espero por si.»

Esperei, no sitio marcado. Mas cidadão illustre já não recolheu sósinho para casa, nem pelo caminho do costume!

Valente moço. Homem de bom senso, na opinião geral.

No dia immediato mandei-lhe a casa duas testemunhas.

Que não se batia!

Escrevi-lhe.

Tenho aqui as cartas, deante de mim. Mas não as publico, porque tenho dó do infeliz. Não. Lér aquillo, saber-se que houve um homem que lén aquillo, e, depois de me ter ameaçado com um chicote, se ficou, deprime tanto, tanto, que não ha homem nenhum que, pelo simples facto de ser homem, não fique envergonhado.

Assim o entenderam os proprios amigos do illustre cidadão. Hoje não publico as cartas, nem cito nomes. Na occasião, claro é, publicava tudo e dizia tudo. Por isso, os amigos intervieram. Que, pelo amor de Deus, tivesse eu mão n'essa catastrophe. Era um horror! Um homem novo, com futuro, assim inutilizado, assim perdido...

— Bate-se.

Voltas na cadeira e tregeitos ao rosto.

— Então, senão se bate, que me bata. Prometteu, cumpra.

Que crueldade!...

— Então, senão se bate, nem me bate, que saia de casa, que appareça ao menos para eu lhe bater. E eu prometto bater pouco. E' elle que diga que tambem me bateu.

Oh, homem, pelo amor de Deus!

Isto foram dois dias, tres, quatro. Por fim cedi. Cedi ás empenhocas e ao coração. E arranjour-se uma acta, com quatro testemunhas ad hoc, para se fingir uma pendencia.

Os lances de honra no meu paiz! Patuscos.

Já entrei sete vezes—vá lá este parenthesis de alegria especial—n'essas patuscadas. Cinco como protagonista. Duas como testemunha.

A primeira patuscada de honra foi essa que fica referida. A segunda foi a do outro, d'aquelle que declarou que das injurias publicadas no seu jornal só nos tribunaes se assumia a responsabilidade. A terceira foi um pouco mais longe. Chegaram a reunir-se testemunhas. Mas foi peor. As minhas retiraram tudo. As do outro retiraram tudo. Trocámos cumprimentos e beijos. E ficámos todos homens de honra, que era o capital. Assim o disséram, solemnemente, aquellos que tinhamos feito depositarios sagrados da mesma honra! A' quarta, escreveram os meus padrinhos que o meu adversario era indigno de se bater com elle qualquer homem de bem. Muito bonito, se, passado annos, não apparecessem os tres muito amigos, ou pouco menos! A' quinta, vi os padrinhos tão atrapalhados com o baptisado que me parecem mais pratico ir procurar, sósinho, o

contendor. Mas este, que tambem tinha deitado, previamente, prosa de Fuas Roupinha, homem siodo e mais pratico ainda do que eu, é que entendeu melhor não sahir de casa sem mandar primeiro chamar a policia para o acompanhar desde a porta da rua.

Foi o que andou melhor de todos! Tambem, ainda é mais cotado, como homem de bom senso, na opinião geral, do que o outro.

Isto como protagonista.

Como testemunha, entendi, da primeira vez, que o meu affilhado era de tal fórma inferior em força physica ao seu adversario que só se podia bater á pistola. As testemunhas contrarias, não porque me não achassem razão mas porque estavam mortos por apanhar uma sabida, agarraram-se ao pretexto da escolha das armas e não quizeram mais cantigas.

Da segunda vez, accordámos em ir para o campo, o campo da honra, está claro. Mas quando eu já estava em casa, meditando no caso grave, preparando o corpo e o espirito para a alvorada do dia immediato, fui chamado por uma das testemunhas,—coronel do exercito á data,—do adversario, que me disse: «Então você quer que eu me sujeite a uma mascarada d'essas? Ou dá comedia, ou tragedia. E eu não eston nem para uma coisa, nem para a outra.»

Surprehendido, respondi: Então que quer v. ex.ª que eu faça?!

—Um arranjo. Você tem geito para isso e sabe essas tréas todas de codigos de duellos.

—E os outros?

—Os outros estão de accordo, você verá. Já os mandei chamar. Vá escrevendo, ande lá, que elles assignam.

E eu escrevi uma coisa honrosa e decorosa, em que ficavam todos bem e não ficava mal nenhum, como nas historias do Bertholdo. E os outros, que eram todos pessoas de alta cathegoria e representação, acharam muito bem.

Os lances de honra no meu paiz!

Mas, já agora, accrescentarei á relação mais um: aquelle que esteve para se realizar por minha causa, com o tal homem de bom senso que chamou a policia para o acompanhar, quando me viu, e que não se realizou porque appareceu, de cruz alçada e byssope, o prior de Carnaxide, muito, muito a proposito, precisamente quando o director do combate ia dar a voz de fogo.

Aire, diabo, que esse ia sendo sério!

E fechemos o parenthesis de alegria, na alegrissima historia das coisas da minha terra.

Bem, fez-se a acta, como iamoz dizendo, o homem ponde, enfim, sahir á rua, e passear sem andar acompanhado, e julgava eu que o maroto me ficasse muito agradecido.

Qual!

No mesmo Districto de Aveiro, do mesmo dia 4 de julho de 1884,—leiam, que se riem—outro illustre cidadão aveirense, considerado dos filhos que mais nome dão á mãe, á patria gloriosa, é de vêr, em resposta a uma local de quatro linhas, sem referencias directas a ninguém, nem coisa que se parecesse, publicava um longo aranzel para demonstrar

que era democrata. E demonstrava com estes argumentos:

1.º Porque era filho d'um liberal.

2.º Porque era sobrihuo de liberaes.

3.º Porque a sua mãe era filha d'um artista.

4.º Porque convivia com livros e jornaes.

5.º Porque tirava o chapéo a quem lh'o tirava (1).

6.º Porque tinha casado com a filha d'um sapateiro.

Ao mesmo tempo que demonstrava d'esta fórma a sua democracia, o seu republicanismo, pôde-se dizer, porque, na imprensa, tinha sido republicano declarado, confessava, juntamente, que não tinha votado a lista republicana, tratava-se de eleições:

1.º Porque tinha estado a servir de administrador de concelho n'uma assembleia onde não tinha voto.

2.º Porque ainda que tal não houvesse succedido, por nenhum principio de dignidade (2) poderia votar uma lista republicana ventitada por sessenta carpinteiros, marnotos e sapateiros republicanos aveirenses.

3.º Porque era funcionario publico e um funcionario publico vota em quem lhe mandam.

4.º Porque a republica era feita por uns e gosada por outros.

Em resposta, eu só me limitei, á parte as referencias á sua estupidéz sobre direito publico e á inconsciencia com que subscrevia as maiores monstruosidades em materia eleitoral, a perguntar-lhe, em resumo, como ao outro:

— Mas quem é você? Quem é você, que é democrata porque casou com a filha do sapateiro, porque tira o chapéo a quem lh'o tira e porque não votaria, por nenhum principio de dignidade, uma lista formulada e discutida por operarios?

E deixei-o. Deixei-o na impossibilidade da resposta. Deixei-o coberto de ridiculo. E o illustre, que perdoaria todas as offensas ao seu caracter, e d'essas não havia nenhuma, de fórma alguma podia perdoar que eu o deixasse exposto ao publico como um asno.

Nunca, nunca um insignificante, cotado como homem superior n'um meio de bacocos que o admiram, perdôa isso. Perdôa tudo o mais. Isso, não perdôa nunca.

Assim, o homem, entregue, como o outro do chicote, ao pavor da sua nudez intellectual, vendo-se arruinado n'aquillo que mais satisfazia a sua vaidade, n'aquillo que constituia o seu unico pedestal de gloria, allucinou-se á beira do abysmo repentinamente aberto a seus pés, e, tendo-lhe eu dicto, previamente, que lhe ia responder, assignando o artigo em que lhe respondi, procurou mais dois, chamou-os, correu com elles a minha casa, não me encontrou, porque eu tinha sabido, mas encontrando um de meus irmãos, a elle se atiram todos na azafama de acabar aquella accção que não deixasse afundar o que era democrata por ter casado com a filha do sapateiro no abysmo da insignificancia, ferem-no pelas

(1) Olhem que isto não é blague. Isto é authentico.

(2) Repetimos: Isto é authentico.

costas e retiram-se triumphantes, apparentando ficarem convencidos de que tinham vingado, como descendentes dos Fuas e Giraldes, a honra offendida.

E que tal?

Ora foi esse anno de 1884 o inicio de todas estas pendencias que a *Vitalidade* continúa. E tendo ellas começado cheias de pulhice, com pulhice os *Cabecinhas* de hoje, os mesmos *Cabecinhas* de outr'ora, uns, discipulos d'elles, outros, as haviam de continuar.

E' logico e humano.

O Povo de Aveiro existe desde 1882. Até 1884 despertou invejas e preparou odios. Em 1884 fez com que os odios rebentassem. E d'ahi para cá, continuou-se, apesar de eu estar de ha muito separado de tudo.

O heroe do chicote recebia da minha parte, no proprio dia do assalto a meu irmão, provas de generosidade. Pois d'ahi a horas fazia causa commum com os assaltantes. E n'esse caminho, embora sempre disfarçado por causa das duvidas, teem vindo até hoje.

E' humano. No fim de contas, é humano.

Eu não tenho partido. Fui sempre só. Pois, sósinho, puz um dia o pé no pecoço da matulagem e ahi fiquei com elle, até hoje.

Não sou filho d'um burguez, como é alli o cidadão do Carmo. Não fui adorado desde pequenino. Não tenho rendeiros. Não sou democrata por ter casado com a filha d'um sapateiro. Sou homem sem pergaminhos de qualquer especie. Nunca os tive. Comtudo, tenho feito comer terra a todos os apergaminhados e affidalgados d'essa Aveiro sem rival.

O *Cabecinha* chama a isto orgulho desmedido, fanfarronada, e coisas varias. Pois chame, chame. Ladra e morde. Ladram e mordem elles todos. Embora seja acção de cão, é humano, afinal.

Fundaram-se contra mim dois jornaes em Aveiro. Só para me agredir. Sómente. Aggridem-me por fas e por nefas. Aggridem-me, se falo; aggridem-me se não falo. Aggridem-me, se bato; aggridem-me, se não bato. Não admittem mesmo que, quando eu bato, alguém me bata. Uma vez esbofetei um e elle arranhou-me na testa. Aqui d'el-rei que fui esbofetear o homem e que deixei que elle me arranhase com as unhas. Outra vez esbofetei outro e elle mordeu-me n'um dedo e arranhou-me n'uma orelha. Aqui d'el-rei que me deixei morder n'um dedo e arranhá-lo n'uma orelha.

Mas teem razão. O *Cabecinha* gosta muito que eu lhe dê razão. Pois tem razão. Realmente, sendo elles os pulhas e os ignobeis covardões que eu tenho descrito, chega, realmente, a admirar que me tenham mordido e arranhado.

Teem razão. Todos elles em geral e o *Cabecinha* em particular. Teem razão. Eu trago-lhes o pé no pescoço. Não o tiro d'ahi. Elles arranham e mordem, quando pôdem.

E' humano.

Eu deixei a politica. Eu já nem escrevo em jornaes. Escrevo por desfastio, sobre assumptos geraes; raras vezes, assim mesmo. Não são meus a maior parte dos artigos que me attribuem. E, apesar d'isso, sendo eu sósinho e elles muitos, o meu pé continúa pesando no pescoço da ignobil matulagem.

Não os venero, nem os respeito, que é o meu grande crime. Não os tomo a sério. Trato-os despezivamente, que é o peor. Quando encontro um, pelulante, bacoco ou tratante, atirei-o logo de pernas para o ar, ou elle fosse monarchico, ou republicano, ou elle se dissesse meu amigo, ou meu inimigo. Um é marechal de *Liliput*, outro é *Caganifancias*, outro é *Mijareta*, outro é *Cabecinha*, outro é *Bicheza*. E assim todos. Juntamente, sou eu que inter-

venho com mais peso nas questões importantes da localidade. O *Cabecinha* não quer. Está bem, está bem. Não quer, mas é assim.

Fui eu que os libertei do jugo firminista. Eram tratados tão desprezivelmente que até figuravam no caderno do recenseamento como sapateiros e marmotos, a maior affronta em terra de fidalgos. Só quando eu intervi, o jugo terminou e os firministas foram abaixo. E varios factos como esse, o ultimo dos quaes foi a questão do regimento.

Pois isto, a par do meu desrespeito pelos conselheiros lords indigenas, do meu desprezo por elles todos, da minha troça persistente, das minhas invectivas sempre cheias de verdade e de justiça, porque eu não vivo de especulações nem de esmolas, porque as minhas palavras teem o grande valor do meu exemplo, da minha auctoridade, quer os *Cabecinhas* queiram, quer não queiram, pois isto perdôa-se lá?

Teem razão. Teem razão. Morder d'essa fôrma, é humano.

A's vezes tentam seduzir-me. Dão-me vivas nas ruas. Bateem-me palmas nos theatros. Elogiam-me nos jornaes. E eu agradeço, como cavalheiro respeitador das praxes sociaes. Mas o primeiro bacoco que apparece, depois d'isso, apanha logo *gebada*, ou elle fosse dos que dêram vivas, dos que bateram palmas, dos que escreveram elogios, ou não fosse.

Pois não é de mais? Pois elles não hão de morder? Pois elles não hão de ladrar?

Ladrem, que é humano!

Sim. E' voz de cão, mas não importa. E' humano.

Esta acção da *Vitalidade* é uma canalhice. Mas admira? Os senhores, que me lêem, não viram já? As canalhices contra mim, desde 1884, são continuas.

A *Vitalidade*, ha muito tempo que não é do *Cabecinha*. O *Cabecinha*, alli, não é nada. A *Vitalidade*, comprou-a o padre Vieira é o sr. dr. Alvaro de Moura ao *Cabecinha*. Uma compra sem documentos. Mas compra em todo o caso. Não impediu essa compra que o sr. dr. Alvaro, apesar de ter dado o seu dinheiro, fosse hostilizado no papel, quando o facto conveio ao padre Vieira. Pois agora mesmo o padre Vieira finge que o jornal é do *Cabecinha*, que não tem alli coisa nenhuma, que não podia impedir, por isso mesmo, que o *Cabecinha* dissesse pulhices contra mim, e deixa duplamente roubado o mesmo dr. Alvaro.

Pois não são os mesmos pulhas de 1884?

Eu não me importava que o padre Vieira deixasse, ou não, que o ignobil garoto do *Cabecinha* estrebuchasse á sua vontade. Como homem de bem, só tinha o direito a esperar que não consentisse insinuações infamantes e hediondas, como essa de meu pae. E, não tendo eu perguntado coisa alguma ao mesmo padre, acho revoltante que elle me viesse mentir, dizendo que a propriedade do jornal era do *Cabecinha* quando, realmente, o não era. Vir-me dizer isso para se livrar de responsabilidades, fazer uma declaração que representa uma verdadeira farça, é revoltante, é indigno.

O procedimento do sr. padre Vieira é tão indigno, como o procedimento do sr. dr. Jayme de Magalhães Lima.

E tanto mais me revoltou quanto é certo eu ter perdido ao sr. Jayme de Magalhães Lima e ter acreditado na sinceridade com que o sr. padre Vieira se declarou meu amigo.

Esta scena ultima da *Vitalidade* não destoa nada das scenas anteriores, que ahi ficam referidas por mim. Mas, por isso mesmo, não é menos covarde, menos pelintra, menos suja.

Quem é o *Cabecinha*? Um réles cavallariço.

O *Cabecinha* foi um instrumento. N'uma sociedade decadente, miseravel, como esta, cheia

de preconceitos, com a avidez das grandezas e do luxo, cheia de difficuldades no commercio e na industria, pobre de capitaes, o emprego publico ficou o unico recurso aberto aos parasitas e aos homens das classes médias. Como o emprego publico, porém, não é dado ao merito, como só é obtido por favor, e como este favor depende dos mandões, é necessario adquirir as boas graças d'estes á custa de baixezas e humilhações de toda a ordem. E assim se tem convertido Portugal n'um largo campo de competencias servis.

Luctam uns com os outros nas provas da maior baixeza e infamia. E só em egualdade de baixeza e infamia são preferidos os mais habeis.

Ora o *Cabecinha* é um palerma. Para obter alguma coisa indispensavel se torna que exceda todos os outros em torpezas.

Uma d'estas, inhabilidade ao mesmo tempo, consiste em declarar que não tem politica. E' um cavallariço ás ordens de todos. Mas como nada vale, estar ás ordens de todos mais o tem prejudicado do que favorecido. Parece que o comprehendeu ultimamente e d'ahi a sua ultima façanha.

Cavallariço do sr. Jayme Lima, não deixa de ser cavallariço do sr. Mattoso. Ao mesmo tempo, engraxa as botas ao sr. José Luciano.

Foi o sr. Mattoso que o destacou contra mim? Os da *Vitalidade* assim o insinuam, em segredo.

Eu não acredito.

Nunca pedi ao sr. Mattoso senão que olhasse para um processo em que era meu juiz. Tratava-se d'uns contos de réis que me queriam roubar, e aos parentes de minha mulher. Eu tinha caradas de justiça. Já tinha vencido aquella questão umas poucas de vezes, mas a chicana fazia-a subir novamente á Relação. Por sorte, era o sr. Mattoso um dos juizes que tinham de a julgar.

Escrevi-lhe, dizendo-lhe, em resumo:

«Os juizes no meu paiz não lêem. V. ex.^a não é o relator. Eu só lhe peço que leia e que me faça justiça.»

E o sr. Mattoso lê, devo-lhe esse favor, e fez justiça.

O sr. Mattoso parece que não gostou de eu não lhe ficar demasiadamente agradecido e por toda a parte apregoou o favor que me tinha feito.

Ultimamente, era s. ex.^a dos que tinham mais empenho em que não sahisse d'Aveiro o regimento de cavallaria. Incitou s. ex.^a, de qualquer fôrma, o cavallariço contra mim?

Eu não o acredito. Sinceramente o confesso. No entanto, isso insinua-se. No entanto, a casa do sr. Mattoso não fica nada ennobrecida em possuir um cavallariço de tal ordem.

E' o sr. José Luciano de Castro o homem mais poderoso da minha terra, e seu irmão, o sr. Mattoso, depois d'elle.

O sr. José Luciano, a mim, nunca me viu. O sr. Mattoso só me viu para eu lhe pedir e agradecer justiça.

E' com uma certa melancolia, não por mim, mas pelo meu paiz, que vejo tão aviltado, que eu termino esta defeza lamentando que v. ex.^a agasalhem e alimentem cavallariços de tal ordem.

E á memoria de meu pae peço perdão de ter sido eu o causador de mais uma infame tentativa contra o seu nome immaculado, tentativa que um cavallariço asqueroso não teve coragem de levar até ao ponto de eu lhe esmigalhar o craneo com um tiro.

E mais nada.

F. M. HOMEM CHRISTO.

A questão clerical

Por absoluta falta de espaço não continuamos hoje os artigos subordinados a esta epigraphe.

Comprehendemos que não podemos encher o jornal com assumptos locais, sendo a maioria dos nossos assignantes de fora.

Mas releve-se-nos hoje a excepção.

“O NORTE,”

Entrou no terceiro anno da sua publicação este nosso presado collega portuense.

Foi ha 3 annos, quando as circunstancias politicas do Porto fizeram subir ao parlamento os deputados republicanos dr. Afonso Costa, Xavier Esteves e Paulo Falcão, que este valente caudillo da democracia iniciou a sua publicação.

Combatente denodado e intransigente, «O Norte» nem sempre tem conseguido escapar á sanha dos sustentáculos das instituições, e a sua linha de conduta mantém-se inalteravel.

E' um dos pouquissimos que teem a consciencia do seu dever e por isso merece as nossas felicitações.

OS FILHOS DA TERRA

E' um filho da terra.

Era este o grande elemento de propaganda a favor do sr. Jayme de Magalhães Lima nas penultimas eleições de deputados.

Ora o sr. Homem Christo demonstra bem como elles costumam tratar os filhos da terra.

E note-se que, dos novos, se algum filho da terra tem illustrado Aveiro, se algum creou uma individualidade no paiz, se algum tem affirmado essa individualidade, é precisamente o sr. Homem Christo.

Se algum tem prestado á sua terra serviços desinteressados, sem especulação partidaria, sem mira em recompensas de qualquer ordem, é elle é só elle. E a elle o tratam os salteadores, ha vinte annos, como se vê!

Mas quem tem a culpa somos nós.

Quando foi da tal propaganda do *filho da terra*, o sr. Homem Christo, com o espirito de justiça e de independencia que o caracteriza, escreveu um artigo fulminante, pondo em relevo a immoralidade de tal propaganda e manifestando toda a sua indignação contra os processos selvagens que se estavam empregando em Aveiro contra os amigos do sr. Albano de Mello.

E fomos nós que lhe pedimos, d'aqui, que não publicasse tal artigo, que lh'o pedimos com o maior interesse, ao que o nosso amigo accedeu.

Agora é que reconhecemos o nosso erro. Agora é que concordamos em que seria muito melhor fazer justiça desde o principio.

Mas, saiba-se, o sr. Homem Christo, que não transige com patifarias, venham d'onde vierem, logo no primeiro dia manifestou a sua indignação contra os francaceos.

Quem teve a culpa fomos nós.

MUITO CURIOSO!

O sr. Homem Christo não refere um facto curioso. E' este:

O valente que o ameaçava com o chicote e que depois ficou a tremer, fazendo a tristissima figura que o nosso amigo descreve, declarou, particular e publicamente, que nunca tinha supposto que fosse o sr. Homem Christo o auctor do artigo do *Povo de Aveiro* que originou a resposta no *Districto de Aveiro*.

Suppunha que era outro e n'essa supposição escrevia.

Sabem quem era?

O Carranca!

Suppunha que era o Carranca e ao Carranca dirigia as suas ameaças e a sua prosa!

O proprio Carranca o confirmava, escrevendo ao sr. Homem Christo, em data de 25 de julho de 1884:

«Li os seus magnificos artigos, um dos quaes houve quem n'o attribuisse, segundo me informam, e admirei a magnifica carga que o amigo applicou ao...»

O parvo ficou a escoirer sangue e por isso não me espanta a covardissima aggressão contra seu irmão.»

A carta é longa e toda ella curiosissima.

Mas fica tambem de reserva. Os periodos acima transcriptos servem só para mostrar o que elles eram e o que elles são.

Quizeram festa, hão de ter festa.

Com quem elles se metteram!...

E' bem certo que o homem nunca aprende, por mais licções que receba.

O que elles eram e o que elles são!

Agora andam de braço dado.

Tem passado bastante incommodado de saude o sr. Francisco da Luz e Costa, acreditado pharmaceutico d'esta cidade.

QUE SUCIA!

Dizem os *vitalinhos* que quem aconselhou podendo mandar foi o sr. Mattoso e não o sr. Jayme Lima.

De fôrma que temos a *Vitalidade* n'estas condições:

Proprietario—*Cabecinha*, sem politica.

Director geral—Mattoso, progressista.

Mentor—Jayme Lima, francaceo.

Redactor principal—Padre Vieira, progressista, francaceo e jesuita acima de tudo.

Que grandissima cambada!

Se foi o sr. Mattoso que aconselhou podendo mandar, estamos na mesma.

Ou não fizeram caso dos seus conselhos ou elle aconselhou que fizessem uma excepção para o sr. Homem Christo.

Se querem isto, seja assim. Mas o sr. Mattoso ha de se apressar, de qualquer fôrma, a protestar.

Mas então *Cabecinha réles*, proprietario sem propriedade, pôde mais e manda mais que o sr. Mattoso, que o sr. Jayme Lima e que o proprio sr. padre Vieira? Que grandissima cambada!

PULHAS!

O nosso amigo, sr. Homem Christo, termina n'outra parte a sua carga mestra nos salteadores da localidade.

Mas nós é que não terminamos. Julgam isso? Estão enganadinhos. Nunca estivemos tão resolutamente resolvidos a esmagar estes pelintras, como hoje.

As cartas do sr. Homem Christo deixam em toda a gente, de fóra de Aveiro, a impressão de que não ha no paiz uma quadrilha de biltres tão completa como n'esta localidade. Pois ainda elle não disse tudo. Nem metade. Para isso seria necessario resuscitar a celebre figura de Cunha e Costa, as infamias de Fontes e companhia, tornar publicas as cartas do *Mijareta*, onde ha curiosidades bem boas e que, por isso mesmo, ficam de reserva, para não ir tudo de uma vez, e relatar outros factos não menos importantes.

Em parte nenhuma do paiz se praticou jámais tanta biltraria como se tem praticado em Aveiro contra o sr. Homem Christo. E porque? Elle lá o diz. Porque nunca poupou tratantes. E tanta razão tinha para os não poupar quanto é certo o tempo ter-lhe dado plenissima razão. Todos aquelles, que elle feriu com energia, sahiram uns bandalhos. E' olhar para os celebres republicanos de Aveiro. Onde estão elles, os torpissimos especuladores?

Agarrados todos ás abas da casaca dos caciques da politica monarchica.

E o que se diz de Aveiro, quanto a republicanos, diz se de muitos outros de todo o paiz. O tempo illuminou-os e com o tempo se tem visto quanto havia de verdadeiro e de justo nos ataques do sr. Homem Christo.

Comtudo, nenhum d'elles atingiu a pullice que atingiram os de Aveiro.

Pulhas! Grandes pulhas! Pulhas que nunca foram nada senão pulhas. Num dia republicanos, n'outro dia monarchicos, n'outro dia republicanos outra vez, hoje monarchicos novamente e amanhã pela terceira vez republicanos, se sopram ventos de favor para a republica.

Pulhas, grandes pulhas! E eram estes pulhas que rabiscavam pelas esquinas das ruas contra o sr. Homem Christo, que foi sempre o que é, que manteve sempre activamente a sua linha de conducta, que se sujeitou sempre com nobreza a todos os sacrificios, que trabalha com denodo, onde quer que se encontre, pelos progressos e pela civilização do seu paiz, contra elle escrevinhavam os pulhas pelas esquinas das ruas, contra elle preparavam esbuscadas de salteadores, contra elle fundavam jornaes com o fim unico de lhe arremessar lama, contra elle soltam ainda hoje a lingua viperina.

Pulhas, que nunca saliram da insignificancia d'este recanto. Pulhas, que tem limitado os seus serviços á causa da liberdade e da democracia portugueza, a engraxar as botas a todos os magnates da politica monarchica que apparecem Aveiro. Pulhas sempre promptos a figurar como convivas dos jantares da especu-

lação partidaria da terra e districto.

E eram estes pulhas, e são elles, que ousavam e ousam erguer voz contra o sr. Homem Christo!

Estes bandoleiros sem principios, sem convicções sem honra, n'uma palavra!

Mas deixae estar. Quasi todos elles estão hoje mettidos no grupo dos francaceos. Temos essa felicidade. O grupo dos francaceos constitue hoje quanto ha de mais ignobil e de mais inimigo da democracia em Aveiro. Lá estão quasi todos os pulhas que se diziam republicanos. Lá estão reaccionarios como Luiz de Magalhães—este nunca perdôa a famosa trépa, lida com avidez em todo o paiz, que o sr. Homem Christo lhe applicou, nem elle a perdôa nem os compadres—lá estão reaccionarios como Luiz de Magalhães, como Jayme de Magalhães Lima e quejandos. Lá estão os restos da famosa quadrilha dos firminos, d'aquelles que, tendo sido sempre monarchicos, foram, comtudo, os heroes das irmãs da caridade, os homens sem escrupulos que cem vezes calcaram aos pés em Aveiro, a justiça e o direito.

Tudo isso faz parte dos actuaes francaceos. Temos essa felicidade. Para combater os inimigos do sr. Homem Christo não precisamos de ser incoherentes, nem de sair dos principios democraticos que o *Povo de Aveiro* sempre defendeu.

Então deixae estar. Deixae estar, que vos havemos de espantificar. Não ha de ser preciso muito. Toda a população de Aveiro, a população laboriosa e honesta que está fóra dos conluios dos salteadores, vae comprehendendo que não haveria maior desgraça para a cidade que ficar nas mãos do sr. Jayme de Magalhães Lima, homem sem energia, sem influencia nas altas regiões politicas, sem nenhuma das qualidades precisas para favorecer os interesses locais.

Deixae estar.

Deixae estar.

Mancira curiosa de viajar

Um pintor hamburguez, cuja graça é Joham Beck, entrou para a America em circumstancias muito singulares.

Falho de recursos para pagar a passagem a bordo de um transatlantico, começou a matutar na maneira de se introduzir ahí pagando apenas o que pagaria um simples volume de carga. E não se demorou a encontrar este expediente: mette-se dentro de uma caixa de madeira e ser despachado como uma estatua.

Com effeito, assim succedeu.

Na tampa da caixa garatujouse esta advertencia: «Fragil. Não voltar d'este lado.» E uns complacentes amigos foram despacha-lo a bordo do paquete «Palatia.»

Com cuidado, foi descido o volume ao porão sem desconfianças dos carregadores. Ah! mas no tempo foi posta ainda a marca de «J. B.—71 k.», isto é, as iniciaes do seu nome e o seu peso.

Tomou o «Palatia» o rumo de New-York, e succedeu ser accossado, a poucos dias da sua partida, por violentos temporaes, que o forcaram a gastar na travessia mais de duas semanas, em vez de oito dias, o tempo de viagem ordinaria d'esses navios.

Ora com esse contratempo é que não tinha contado o pobre artista, por quanto, calculando que a demora não excederia uma semana,

apenas se sortiu deviveres para esse espaço de tempo.

Imagine-se a fome que rapon o desgraçado, além da extenção do seu sacrificio.

Assim chegado que foi o paquete ao seu destino e na occasião em que se procedia á descarga, não admira que da caixa, em que estava encerrado o misero, sahissem uns deveis gemidos que descobriram o logro de que tinha sido victima o capitão do navio, mas ainda mais victima o desditoso artista hamburguez.

Aberta a caixa, jazia no fundo o pobre homem, tendo ao lado uma maleta e duas garrafas de agua com café, na maior parte vasias, tinha o corpo cheio de contusões, por causa dos bolões causados pelos violentos movimentos do navio. Joham Beck entrou no hospital em gravissimo estado. Se escapar, apostamos que não repetirá esta singular e algo aventurosa maneira de viajar.

“Vitalidade, e vitalinhos

Tambem o sr. Homem Christo, sem duvida por desprezar minucias que pouco lhe interessam, ou por não as conhecer, deixou lacunas no que diz respeito á tremenda hypocrisia do padre Vieira.

Ha tempos, *Cabecinha*, que era proprietario da *Vitalidade*, declarou que não queria continuar com o jornal. Padre Vieira propoz então ao sr. dr. Alvaro comprarem-no ambos ao *Cabecinha*. Assim se fez. Mandaram-no avaliar e o seu valor foi fixado em 150\$000 réis, aceitando *Cabecinha* a venda por esta quantia. Dr. Alvaro e padre Vieira levantaram na Caixa Economica, por letra assignada por ambos, réis 150\$000 com que pagaram ao *Cabecinha*, que com elles e mais 50\$000 réis que pôz do bolso, pagou em acto continuo, porque isso lhe impuzeram, 200\$000 rs. que alli devia, de que era fiador o sr. dr. Alvaro.

Tudo isto se passou sem documento, ficando assim vendida aos dois, por assim dizer de mão para mão, a propriedade do periodico.

Quando o padre começou a hostilizar o sr. Albano de Mello, o sr. dr. Alvaro sahiu do jornal, sem levantar a questão da propriedade, continuando portanto as cousas por este lado, a subsistir no estado em que tinham ficado depois da compra. Sómente o padre Vieira ficou arvorado em redactor principal, director, mentor, e o *Cabecinha*, que desde a venda abandonára a collaboração, entrou de novo para o jornal, mas como méro escriba, tomando então parte activa na campanha iniciada pelos *vitalinhos* contra o sr. Albano de Mello.

Mas eis que surge padre Vieira a declarar que o jornal pertence ao *Cabecinha!*

Percebe-se. Padre Vieira queria, como todos os francaceos, ouvir baboseiras e canalhices contra o sr. Homem Christo, mas não queria assumir a responsabilidade d'ellas.

Primeiro tentou attrahir as boas graças do sr. Homem Christo com os elogios que lhe fez. Não o conseguindo, assolou *Cabecinha* contra elle, mas protestando candura e innocencia.

E' um jesuita velhaco. Mas pouco habil.

Os das cartas anonymas é que tinham razão, no fim de contas.

Descoberta sensacional

Acaba de ser descoberto na Quinta do Picado, no adro da igreja, por uns homens que andavam a abrir covas para plantar figueiras de pingo de mel, um importante jazigo de petroleo. A descoberta, porém, foi funesta a um d'elles, porque, como estava a fumar, communicou fogo ao jacto do precioso combustivel que tão repentina e inesperadamente lhes rebentou debaixo das enxadadas, ficando, por isso, com o rosto e mãos bastante queimadas. Prestaram-lhe logo os primeiros socorros, sendo depois conduzido para o hospital de Aveiro onde se conserva em tratamento, sem grandes esperanças de se salvar.

Como a descoberta se fez em terreno da Junta da parochia, vai esta corporação solicitar para si o exclusivo de exploração do jazigo petrolifero.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos do phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

O fim do mundo

Um sábio americano annuncia o fim do mundo pelo frio.

Não é isso, decerto, uma novidade para os innumeraveis, que por essas cidades e campos da Europa morrem gelados.

Com demonstrações graphicas, prova aquelle sábio que uma espantosa conflagração geral ameaça destruir de um momento para o outro a humanidade descuidada.

Não é já o velho astro ou cometa que vem chocar-se com a terra, nem tão pouco o apagamento do sol, á falta de combustivel. E' a massa glacial do Polo Sul que se desloca para o Norte, trasladando assim o centro de gravidade da terra e desequilibrando os Oceanos, que alagarão os continentes e os cobrirão de uma espessa crosta de gelo.

E' de prever que, se não toda, uma parte da humanidade chegue ao fim do anno de 1902. Não deixará, decerto, de surgir outro sábio que, pelo verão, venha annunciar ao mundo afflicto o seu fim por meio de alguma espantosa e formidavel combustão em massa.

Por agora, o terrivel fim, não terá provavelmente—n'este inverno, pelo menos—outra realidade... senão para aquelles desgraçados sem abrigo, que morrem de frio: por essas ruas, na sombra trágica da noite.

Perto do porto de Zengg, em Fiume, foi pescado por uns marinheiros um tubarão que tinha seis metros de comprido e pesava 3:000 kilos.

Encontrou-se no estomago d'esse monstro marinho um par de calças, ossos humanos, a campainha d'um rebanho e uma bota.

O tubarão foi levado para Fiume, onde esteve exposto ao publico.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás 3-45 m. (tram.) 5 51 m. 8 58 m.	De tarde ás 1-25 m. (tram.) 7-37 m. 10-5 m.
--	--

De Aveiro para o Sul

De manhã ás 6 49 m.	De tarde ás 3-46 m. 5-34 m. (rap.) 10-43 m.
------------------------	--

Quem não tem que fazer...

Dizem as gazetas que um sábio inglez se entreteve a calcular quanto sangue britannico e quanto estrangeiro gira nas veias de Eduardo VII, e que chegára ao seguinte resultado:

De 4055 gottas de sangue que lhe circulam nas veias, o rei Eduardo só tem *uma unica gotta* de sangue inglez—que procede directamente de Margarida Tudor, esposa de Jacques IV da Escossia;—*duas gottas* de sangue francez, provenientes da desventurada Maria Stuart;—*cinco* de sangue escossez; *oito* de sangue dinamarquez e *quatro mil e quarenta gottas* de sangue allemão.

Hoje, quem não tem que fazer, já não faz colheres, passa o tempo a calcular as gottas de sangue inglez que giram nas veias dos monarchas britannicos.

Será este officio mais leve do que o de tractar das bombas?

A navegação aerea

Um redactor do *Figaro* entrevistou o sr. Severo, deputado brazileiro e inventor d'um novo balão dirigivel, que foi a Paris para organizar alli uma aventureira expedição.

O entrevistado mostrou e descreveu o seu dirigivel *Pax*, e disse que se propunha a fazer, antes do fim do mez, uma digressão aerea em torno das fortificações parisienses e a manobrar por sobre as ruas.

Depois de realisada esta experiencia, atravessará o Atlantico n'um outro globo que já está a ser construido, e que terá nome de *Jesus*.

ANNUNCIOS

Ama de leite

OFFERECE-SE uma. Trata-se com Domingos Francisco Coelho, com loja de barbeiro, á Praça do Commercio.

VENDEM-SE

Uns ricos paramentos de misa, e outros mais ordinarios, mas em perfeito estado de conservação. Tambem se vende um missal e um calix, combinado.

A quem precisar dão-se esclarecimentos na redacção d'este jornal.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO

(A'S CINCO RUAS)

AVEIRO

O proprietario d'esta acedida sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

CONSULTORIO DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.^o
Aveiro

BAGAÇOS ALIMENTARES
VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril SINGER, installada na rua do Príncipe, á entrada da Avenida

ROLÃO PALMA
ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.
Praça do Peixe

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO
"O NORTE,"
Em Aveiro vende-se no Bloque Central.

PUBLICAÇÕES

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias sera feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—120 rs

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA
Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA

DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.^o volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS
O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreecho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ALMANAK DO REGISTO

CIVIL

(ILLUSTRADO)

Guia do Registo Civil

publicado pela benemerita Associação de Beneficencia propagadora da lei do Registo Civil.

Preço 60 réis

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

ALVARO DE MORAES FERREIRA
MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 12 a 14

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Colecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.^a edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do *QUO VADIS?* seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

PARA E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil.

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões. Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões. Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijonterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79